

Ostalgia sem lamento...

Marina Chauliac¹

Resumo: Vinte anos após a queda do muro o termo Ostalgia adquire notabilidade conforme vai assumindo vários significados. Longe de designar unicamente a nostalgia de um país que desapareceu, reflete múltiplas tensões que acompanham a reunificação. Em um primeiro momento esse texto se propõe a explicar os usos dessa noção a partir de três principais discursos da Ostalgia (o discurso denunciador, o discurso de propaganda e o discurso identitário). Em seguida se discute a realidade do sentimento de nostalgia da RDA e sua possível transmissão. A partir de dois depoentes representantes do leste alemão e ideologicamente próximos do partido comunista « Die Linke », um representando a geração que construiu a RDA e outra que não conheceu a RDA, fica demonstrado como a vinculação com o Estado socialista não pode se resumir a clichês veiculados pelos políticos e pela mídia, mas reflete uma complexa combinação de experiências positivas do passado, rupturas traumáticas e desilusões do presente.

Palavras-chave : Ostalgia, memória, Alemanha Oriental, RDA, reunificação

Résumé : 20 ans après la chute du mur, le terme Ostalgie connaît un succès à la mesure du flou qui accompagne sa signification. Loin de désigner uniquement la nostalgie d'un pays disparu, il est le reflet des multiples tensions qui accompagnent la réunification. Dans un premier temps, ce texte se propose d'expliquer les usages de la notion à partir des trois principaux discours de l'Ostalgie (le discours dénonciateur, le discours vendeur et le discours identitaire). Il est ensuite consacré à la réalité du sentiment de nostalgie de la RDA et sa possible transmission. A partir de deux portraits d'Est-allemands proches du parti post-communiste « Die Linke », appartenant, pour l'un, à la génération qui a construit la RDA, pour l'autre, à la génération qui n'a pas connu la RDA, il montre combien l'attachement à l'Etat socialiste ne peut se résumer aux clichés véhiculés par les politiques et les médias, mais reflète un complexe mélange d'expériences positives du passé, de ruptures traumatiques et de désillusions du présent.

Mots-Clés : Ostalgie, mémoire, Allemagne de l'Est, RDA, réunification

¹ Direção Regional de Assuntos culturais Rhône-Alpes, Centro Edgar Morin, Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais

As pessoas se recordam do lado bom de suas vidas na RDA [...] é apenas a lembrança do que era bom. Se você perguntar a um cidadão qualquer o que ele aprecia na RDA ele não vai falar do governo, nem do Comitê Central, mas do fato de que ele tinha um trabalho, que não se preocupava com sua velhice, que seus filhos iam bem- é algo como a RDA sendo um país que amava seus filhos (Klaus).

Enquanto que ironizar o nazismo e os símbolos do III Reich parece algo de extremo mau gosto, o socialismo do leste alemão parece ser uma fonte inesgotável de escárnio e inspiração. Da crítica ao capitalismo a objeto de consumo, o passado da RDA (República Democrática Alemã) reaparece atualmente sob formas surpreendentes.

Voltemos ao começo, em 1989, quando as figuras que indicavam pedestres nas sinalerias não eram ainda vendidas em chaveiros, quando não se visitava o escritório musealizado do chefe da Stasi e quando trafegar em um Trabant não permitia fazer safaris através de Berlim.

A RDA vive seus últimos dias e após ter destruído o muro de concreto que a separava dos vizinhos do Oeste, uma grande parte de alemães do Leste votam em 18 de março de 1990 pela CDU², reunificação e pela união monetária. O Oeste colorido e luminoso estende seus braços. A cinzenta socialista é abandonada, a democracia e a sociedade de mercado caminham em direção ao Leste. Em 3 de outubro a fronteira desaparece do mapa. O país desaparece. Sobram os traços, materiais e imateriais e, sobretudo, os discursos sobre a RDA: palavras públicas ou privadas, palavras de vítimas ou de atores, palavras acusatórias ou reivindicadoras, palavras de cientistas, políticos, artistas ou simplesmente cidadãos do leste alemão reivindicando seu estatuto de testemunhos.

Do lado oeste-alemão se deseja compreender a ditadura: como ela pôde funcionar? Antecipam-se comparações com o regime nazista. A abertura dos arquivos da Stasi, polícia política da Alemanha oriental, causa um choque: algo em torno de 200.000 pessoas trabalhavam como informantes não oficiais. Mas a pressão exercida pelo aparelho de Estado sobre os cidadãos tornava por vezes difícil a distinção entre vítimas e culpados.

O que compreende o alemão ocidental da vida sob o socialismo? O muro dos desentendimentos entre Alemanha e alemães parece por vezes intransponível.

² União Cristã Democrata.

Você estava sóbrio naquela noite branca do 9 ao 10 de novembro?

Uma nova imagem da RDA

Com a reunificação os símbolos políticos da RDA, sejam os monumentos como recentemente o Palácio da República em Berlim, ou os nomes das ruas³, foram retirados do espaço público. De maneira menos perceptível, a maior parte dos produtos de consumo cotidiano desapareceram logo após a união monetária de julho de 1990. Isso provocou situações ao menos incongruentes tal como a manifestação dos produtores do Leste alemão exibindo cartazes endereçados aos consumidores dizendo: “porque vocês não compram mais nossos produtos?”. Nesse mesmo ano os alemães orientais lançaram ao lixo algo em torno de 1,2 toneladas de dejetos por pessoa, três vezes mais que seus concidadãos ocidentais.

Da água sanitária às organizações de massa, dos móveis aos heróis antifascistas, os traços do regime socialista, mas também setores inteiros do que compunha a vida privada dos alemães orientais desapareceram.

A seleção do passado não se deu, todavia, apenas no plano material. A exposição pública da RDA foi fortemente dominada nos primeiros anos que seguiram a reunificação, por debates em torno da Stasi e do regime político ditatorial. Essa abordagem inscrevia inevitavelmente a RDA em uma forma, senão de continuidade, pelo menos de similaridade com o regime nazista.

Ora, é possível constatar atualmente a presença de vozes as mais diversas para evocar outros aspectos do passado, ou seja, os alemães orientais que vêm testemunhar suas vivências do socialismo real: através da obra de jovens autores como Thomas Brussig ou Jana Hensel, assim como filmes como *Sonnenallee* ou *Adeus Lênin*⁴, uma outra imagem da RDA se impõe. Valorização ou simples qualificação do passado do leste alemão, essas vozes atenuam os esquecimentos, ironizam o socialismo real e o tornam menos dramático. Um termo específico é atribuído a isso – Ostalgia: junção de *Ost* (leste) e *Nostalgia*.

³ Marina Chauliac, Les anciens lieux de mémoire de la RDA à Berlin-Est : entre disparition et réappropriations In Bogumil Jewsiewicki (dir), *Travail de mémoire et d'oubli dans les sociétés post-communistes*, Bucarest, Editura Universitatii din Bucuresti, 2006.

⁴ *Good-bye Lenin* de Wolfgang Becker (2003), *Sonnenallee* de Leander Haussman (1999).

O ator Uwe Steimle cria esse neologismo em 1992 por ocasião de uma emissão televisiva. Ele diz querer suscitar uma reflexão sobre o cotidiano na RDA⁵. Rapidamente o sucesso do termo, associado a uma pluralidade de sentidos, ultrapassa as intenções de seu criador.

De acordo com o sociólogo Thomas Ahbe, é possível distinguir três tipos de discursos nos quais se encontra a expressão: o discurso denunciador, o discurso propagandístico e o discurso identitário⁶.

O primeiro condena uma atitude que se parece com uma falsificação da história da RDA. Evocar a RDA em termos positivos ou irônicos é, de acordo com essa abordagem, uma forma de esquecer ou até mesmo negar os aspectos criminosos do regime socialista e seria suscetível de atentar contra a memória das vítimas. Para os mais radicais a ostalgie é uma forma de tentação totalitária para uma população impregnada por quarenta anos de socialismo.

A publicação, durante o verão de 2008, de uma pesquisa junto aos alunos dos novos e antigos Lander relançou as críticas ao redor da ostalgie⁷.

O estudo efetuado por pesquisadores da Universidade Livre de Berlim colocou em evidência uma realidade conhecida desde muito tempo⁸: um déficit de conhecimento sobre a história da RDA. Os alunos, alemães ocidentais, ignoram quem construiu o Muro ou quem era Erich Honecker e não consideram necessariamente a RDA como uma ditadura. O esquecimento e a ostalgie são combatidos como obstáculos a uma verdadeira democracia: é tendo consciência dos crimes do passado que o cidadão deve ser formado.

O segundo tipo de discurso, mais neutro que o primeiro, é um argumento de venda para todo tipo de produtos com o selo « Ost » que evoca algo exótico, tranquilizador ou regressivo. Encontramos assim a imagem de uma RDA não política, uma RDA do cotidiano, uma RDA que se pode encontrar na estética de bares decorados com objetos do leste, comprar em feiras com produtos do leste, escutar “Ostrock” nas

⁵ Entrevista com Uwe Steimle em *Freitag*, 1º de setembro 2006.

⁶ Thomas Ahbe, *Ostalgie. Zum Umgang mit der DDR-Vergangenheit in den 1990er Jahren*, Erfurt, Landeszentrale für Politische Bildung, 2005.

⁷ Críticas oriundas principalmente de representantes cristãos-democratas como o presidente da República federal alemã Horst Köhler mas também políticos social-democratas tal como o ministro do Land de Mecklembourg-Pomerânia-Occidental, Harald Ringstorff.

⁸ Ver em particular as recomendações da comissão de especialistas instituída pelo governo federal para a criação de uma aliança de estudos históricos intitulada « a assimilação da ditadura da SED », de 15 de maio de 2006.

festas, usar réplicas das roupas das equipes de esporte alemãs. Alguns vêm na Ostalgia uma forma de escapar da uniformização da sociedade de consumo ocidental. Em um contexto de mudanças importantes, suscitar as lembranças ligadas à infância constitui um bálsamo para a alma⁹ para outros. Nesse caso, normalmente se faz referência ao fenômeno universal da ostalgia, sentimento doce-amargo frequentemente estimulado por um estímulo externo.

O discurso identitário coloca em questão um passado que não é visto apenas pela lente política da ditadura, mas que se vincula às memórias pessoais dos cidadãos do leste alemão. Decepção diante das desigualdades econômicas persistentes entre os novos e antigos Länder? Inversão do estigma, fim da vergonha de si mesmo e de um sentimento de desvalorização da própria biografia? Os do leste, cidadãos de segunda categoria, os que vivem o fechamento das fábricas e a saída dos mais diplomados em direção ao oeste, reivindicam que sejam levados em conta suas dificuldades e o direito de escrever uma história da RAD a partir do “interior”, ou seja, de suas próprias histórias. Enquanto que o primeiro tipo de discurso interpela os alemães do leste no que se refere a suas relações com o passado, o discurso identitário diz respeito antes de tudo aos alemães do oeste em uma busca de maior equidade no tratamento dado ao passado. Jana Hensel, que tinha treze anos em 1989, descreve sua busca de traços da infância em uma paisagem urbana totalmente modificada:

Os anos 1990 estão por tudo... Uma outra década parece não ter jamais existido sob o sol da RDA. Os anos 1969, 1970 e 1980 foram apagados em um piscar de olhos sob e de uma hora para outra eram as agências de correio em Wiesbaden, as cervejarias em Colônia, as lojas de sapatos em Erlangen e as paradas de ônibus em Frankfurt que nos provavam que essa época realmente tinha existido. O leste, por consequência, não tinha mais história¹⁰.

Os discursos identitários nos fazem pensar o quanto a ostalgia é uma reação a um dado contexto. “O exilado definha sempre ao contrário, em oposição a seu meio de exílio”, escrevia Vladimir Jankélévitch¹¹. Quer se trate de um elemento material ou da evocação de uma sociedade que protegia melhor seus cidadãos (do desemprego, da

⁹ Rainer Gries, « Der Geschmack der Heimat. Bausteine zu einer Mentalitätsgeschichte der Ostprodukte nach der Wende », in *Deutschland Archiv*, n° 10, 1994.

¹⁰ Jana Hensel, *Zonenkinder*, Hamburg, Rowohlt Verlag, 2002, p. 34.

¹¹ Vladimir Jankélévitch, *L'Irréversible et la nostalgie*, Paris, Flammarion, 1974, p. 287.

criminalidade, da doença), o fenômeno não pode ser compreendido sem que se observe o contexto social, político e econômico desses novos Länder bem como a experiência individual da reunificação.

Retratos singulares- figuras geracionais

Nossa atenção se voltará à RDA tal como ela aparece atualmente no interior de duas gerações de alemães do leste: uma que não conheceu a vida sob o socialismo e outra que assistiu o nascimento e morte da RDA. A primeira é aquela pós - Wende, termo que significa as mudanças ocorridas com fim da RDA, ao passo que a segunda é em geral designada como aquela dos “construtores da RDA”.

Sebastian, nascido antes da queda do muro, e Klaus que tinha 59 anos em 1989, nos servirão de guias. Eles foram escolhidos em base a um ponto comum: os dois são membros do partido antiliberal Die Linke (à esquerda).

Esse partido nasceu da fusão, em 2007, da Alternativa eleitoral Trabalho e Justiça Social (WASG) e do Partido do Socialismo Democrático (PDS) que é considerado como um herdeiro do partido no poder na RDA, o SED¹². Os antigos membros e funcionários do SED durante muito tempo constituíram a base mais estável de adesões para o novo partido de esquerda. Tal como Klaus, o avô materno de Sebastian pertence a essa categoria¹³. Considerado como os “perdedores da reunificação” são com frequência vistos com os “nostálgicos da RDA”. Evocando as gerações mais jovens através da figura de Sebastian, colocarei em paralelo a visão da RDA defendida pelas duas gerações de alemães do leste engajados no partido político a ponto mesmo de carregar os valores do antigo regime leste-alemão. Enquanto que numerosos observadores colocam em destaque os conflitos de geração no interior do partido, poderíamos discernir uma certa forma de transmissão da memória da RDA?

Conheci Sebastian durante o verão de 2008 em Berlim. Ele mantinha a representação do partido em um bairro da zona oriental da cidade, esperando fazer o serviço civil. Técnico em informática por formação, estava nesse momento sem

¹² Partido do socialismo unificado da Alemanha.

¹³ Falo dessa antiga elite da RDA engajada no interior do SED e que não podia fazer o luto de seu país e continuava seu engajamento no interior do partido socialista reformado. Ver Marina Chauliac, « Ostalgie ou utopie? La mémoire “close” des nostalgiques de la RDA », in *Allemagne d’aujourd’hui*, n° 181, 2007.

emprego. Sebastian não conheceu, digamos assim, a RDA, pois ele tinha um ano quando caiu o muro, o que não o impediu de sentir as consequências através de sua história familiar: seus pais perderam o emprego e mudaram de profissão durante a Wende¹⁴. Sua mãe, que era empregada dos Correios, tornou-se vendedora e seu pai, militar de carreira, não quis tornar-se membro do exército alemão da reunificação e trabalha desde então como eletricista¹⁵. Essa reconversão se fez acompanhar por dificuldades financeiras para a família, sem que os pais, entretanto, lamentem a perda da RDA. Ao contrário, sua mãe considera que adquiriu mais liberdade. Nem de seus avós maternos, que permaneceram muito vinculados a RDA, Sebastian escutou algum tipo de opinião mais severa em relação à reunificação. Seu engajamento político se vincula a um sentimento de injustiça. Ele me conta que,

Acho que foi por ocasião da difusão de informações que falavam de cortes nas ações sociais e da guerra e eu disse a mim mesmo: não podes continuar a olhar tudo isso sem fazer nada. Então entrei no site da internet e preenchi meu formulário de inscrição.

Meu encontro com Klaus foi anterior. Através de um amigo fui colocada em contato com ele e fui encontrá-lo numa tarde de dezembro de 2005 em seu apartamento na alameda Karl Marx (que escapou de ser rebatizada por ocasião da

¹⁴ Ao passo que o desemprego não existia oficialmente na RDA, a taxa de desemprego nos novos Länder é de 10,2 % em 1991 (Bundesagentur für Arbeit). Essa cifra esconde uma realidade mais dura quando se leva em conta o tempo parcial, as formações no quadro de reconversões profissionais assim como empregos de apoio. Se obtém então uma taxa de inatividade de 30%. Essa taxa não leva em conta as 700 000 pessoas colocadas em pré-aposentadoria antes de 1991 e dos 540 000 alemães do leste que emigraram para a Alemanha ocidental. No final do ano 1991 o número de ativos na Alemanha oriental recuou de 9,3 milhões ou 9,7 milhões para 5,2 milhões.

(Gerlinde Sinn ; Hans-Werner Sinn, *Kaltstart. Volkswirtschaftliche Aspekte der deutschen Vereinigung*, CH Beck/dtv, Munich, 1993).

¹⁵ Sobre os 100 000 militares (além do pessoal civil) que contava o exército da RDA em julho de 1990, apenas 10800 foram integrados a Bundeswehr. Exceto os de mais alto grau e membros licenciados da Stasi, os militares que desejassem se integrar a Bundeswehr eram submetidos a um período de teste de dois anos e na maior parte dos casos baixavam de categoria. Como todos os empregados da função pública nos novos Länder, seus salários eram sensivelmente inferiores aos de seus co-irmãos do oeste (60% em 1º de julho de 1991). Nina Leonhard, « Reconstruction de l'identité militaire? Récits biographiques de militaires de la NVA dans l'Allemagne unifiée », *Allemagne d'aujourd'hui*, n° 170, oct-déc 2005, pp. 71-

Wende). Sua esposa estava muito doente e ele se ausentava pouco de sua casa nessa ocasião, mas mantinha-se um observador atento da vida política e continuava com sua rede de antigos colegas do SED. Nascido em 1930 na Tchecoslovaquia, chegou à Turingia aos 15 anos com seus pais, operários da indústria têxtil, e seus dois irmãos (sua irmã foi morta por ocasião de sua deportação como comunista).

Considerando que ele teve que abandonar a escola com a idade de 14 anos e não dispunha de nenhum recurso por sua condição de expulso, a RDA abriu-lhe a possibilidade de construir uma brilhante carreira. Essa começou no interior da organização leste-alemã para a juventude livre (FDJ). Em seguida galgou diferentes degraus para obter uma posição hierárquica elevada no interior do SED. O fim da RDA foi um choque considerável. Não tendo ainda 60 anos, teve que trabalhar alguns meses como empregado em um depósito de sapatos. Como alto funcionário do Partido, possui hoje uma aposentadoria reduzida e foi durante algum tempo objeto de críticas abertas por parte de numerosos vizinhos. Ele empregou todo seu orgulho em continuar fiel a seus princípios no interior do novo partido pós-comunista. Como ele diz, “fui educado quarenta e dois anos para ser fiel ao Partido e para mim, pertencer a um partido é um dever”.

Nostalgia de uma utopia

A nostalgia é, inicialmente, um termo médico construído a partir de duas palavras gregas: *nostos* (retorno) e *algos* (dor, mal). Foi criada em 1688 pelo médico de origem alsaciana Joahannes Hofer para designar o mal que sofriam os jovens suíços afastados de sua terra natal. A nostalgia serviu num primeiro momento para qualificar de maneira científica o mal do retorno, a aspiração a reencontrar seu país. Que fazer, portanto, quando o lugar desapareceu, quando a nação não existe mais? “Isso vai parecer um tanto patético, mas a realidade é que a RDA era minha vida”, começou por me dizer Klaus.

O sentimento de perda é mais forte considerando que a ruptura com o passado foi brutal e muito difícil a adaptação ao novo sistema político e econômico. Klaus ilustra esse sentimento da perda causado pela reunificação. Para além da derrocada política, de acordo com seus próprios termos, o fim da RDA atingiu-o pessoalmente: “A questão principal para mim era: como a vida iria continuar? Fiz política em toda a minha vida... e nada fiz [ele ri]. Estudei por correspondência e consegui um diploma de educador sobre marxismo-leninismo, o que não me serviu em nada em 1990!”.

Deve-se então concluir que a solução se encontra no retorno a RDA? Em 2002 apenas 10% dos alemães do leste diziam querer a reforma do antigo Estado do Leste¹⁶. Entre meus interlocutores, os partidários mais radicais do modelo político da RDA nunca afirmaram lamentar a perda da RDA, não aquela que foi, mas a que poderia ter sido. “A RDA era uma peça única”, dizia Klaus. É portanto, antes de tudo, uma possibilidade mais do que uma realidade que falta aos partidários mais convictos do antigo regime, uma utopia que eles não queriam abandonar.

Para os membros ativos do regime socialista, tal como Klaus, a interpretação marxista-leninista continua válida. Ela oferece um quadro teórico para uma espécie de crítica retrospectiva do regime: “O socialismo na totalidade - e a RDA fazia parte disso - não conseguiu desenvolver suficientemente as forças vivas necessárias, na sociedade e na produção”. Diante dessa constatação do malogro ele se recusa, no entanto, a rejeitar um modelo de sociedade considerado como quase perfeito.

Para a maior parte dos cidadãos da RDA é menos uma utopia política, que se recorda com um traço de lamento, que algumas imagens confortantes da sociedade leste-alemã. Como observava o sociólogo Maurice Halbwachs, uma imagem idealizada do passado pode ser reconstruída porque a evocação, submetida às restrições da sociedade atual, não é mais aquela da sociedade do passado: “é natural que quando desaparece o sentimento de obrigação, tudo aquilo que havia de bom em nosso contato com os outros grupos humanos, reapareça”¹⁷.

“As pessoas se recordam do lado bom de suas vidas na RDA”, me dizia ainda Klaus, “é apenas a lembrança do que era bom. Se você perguntar a um cidadão qualquer o que ele aprecia na RDA, ele não vai falar do governo, nem do Comitê Central, mas do fato de que ele tinha um trabalho, que não se preocupava com sua velhice, que seus filhos iam bem - é algo como a RDA ser um país que amava seus filhos”.

A construção a posteriori de uma pátria que amava seus filhos, pode ser compartilhada pela geração do pós- Wende que, tal como Sebastian, não conhece a RDA a não ser de maneira indireta através da mídia e das narrativas de seu meio? Algumas representações, no entanto, persistem.

¹⁶ Gunnar Winkler (dir.), *Sozialreport 2002. Daten und Fakten zur sozialen Lage in den neuen Bundesländern*, Berlin, Trafo Verlag, 2003, p. 54.

¹⁷ Maurice Halbwachs, *Les Cadres sociaux de la mémoire*, Paris, Albin Michel, nouvelle édition, 1994, p. 112.

***Não esquecer nem os aspectos positivos nem os negativos da RDA,
permanecer objetivo***

Klaus e Sebastian compartilham um grande número de visões comuns no que se refere aos aspectos positivos do sistema social e econômico da RDA. Eles conferem atenção especial a superioridade do sistema escolar da RDA em relação à Alemanha atual (que, conforme uma idéia difundida, teria servido de modelo para a Finlândia) e às benfeitorias do centralismo.

A percepção de uma sociedade mais solidária, mais “humana”, pois não era regida pelas leis de mercado e pela competitividade, esta ainda fortemente presente no discurso de Klaus, ao passo que Sebastian vê nisso uma forma de criatividade quase ecológica: “Antes as pessoas tinham que improvisar e encontravam soluções originais com aquilo que tinham a sua disposição, e isso funcionou”. Porque uma sociedade de penúria gera sistemas paralelos de fornecimentos ou de serviços, a formação de redes se tornava quase obrigatória. Sobre esses temas são acrescentadas as opiniões de uma grande parte de seus concidadãos. Assim em 2004, 61% pensava que a RDA assegurava uma melhor distribuição de recursos, 85% uma melhor proteção contra os crimes, 78% uma melhor segurança social¹⁸.

Dessas representações comuns não se deve obter como conclusão uma visão unicamente positiva da RDA. Os elementos negativos da RDA não estão ausentes dos discursos de Sebastian e Klaus, mesmo que o primeiro dê ênfase à falta de liberdade de opinião e o segundo a não viabilidade do sistema econômico. “Posso muito bem entender como as pessoas viviam no cotidiano”, me dizia Sebastian, “e encontro aspectos positivos e negativos. Os aspectos positivos são aqueles que já mencionei: a política social; os aspectos negativos são os limites impostos ao cidadão que desejasse usar sua própria cabeça ou realizar seus sonhos”.

Klaus concentra suas críticas sobre os déficits em matéria de produtividade. Para meus dois interlocutores, uma seleção de elementos do passado não é apenas possível como indispensável. Um olhar distante, até mesmo crítico em relação à RDA, permite a legitimação de suas palavras: certamente eles conferem ênfase aos aspectos positivos, mas podem também criticar a RDA.

¹⁸ Katja Neller, « “Auferstanden aus Ruinen”? Das Phänomen “DDR-Nostalgie” », in Oscar W. Gabriel, Jürgen W. Falter et Hans Rattinger (dir.), *Wächst zusammen, was zusammengehört? Stabilität und Wandel politischer Einstellungen im vereinigten Deutschland*, Baden-Baden, Nomos, 2005.

Dar ênfase a certos aspectos positivos da RDA é antes de tudo restabelecer a verdade sobre um passado frequentemente ausente do espaço público. Sebastian fala da demonização do passado da RDA e cita como exemplo o filme *A Vida dos outros*¹⁹ como uma nova maneira de falar da RDA sem ocultar a parte humana, dando ênfase a “vida das pessoas, os aspectos culturais também”. O filme, baseado na história fictícia de um oficial da Stasi encarregado de espionar a vida privada de um dramaturgo e sua companheira, uma atriz, na Berlim oriental dos anos 1980, mostra um meio cultural que, por um lado havia aceito o compromisso com o regime, e por outro era asfixiado pela censura.

Do outro lado do microfone, na escuta, a vida do funcionário da polícia de segurança do Estado aparece então em toda sua monotonia cotidiana. Quando o oficial, fiel servidor do regime, se transforma em elemento subversivo, se coloca então a questão da escolha individual entre compromisso ou resistência em um sistema repressivo²⁰.

O olhar realista de Klaus e Sebastian sobre a RDA os leva a condenar o sentimentalismo de alguns e uma forma de Ostalgia comercial. Eles conferem uma importância fundamental a autenticidade nos discursos e em relação aos objetos ligados a RDA. Para o primeiro, isso passa pelos documentários, textos históricos e até mesmo obras de ficção à medida que essas tragam informações sobre a cultura do leste alemão. Klaus se regozija de reencontrar produtos conhecidos e, sobretudo, vê na reaparição de marcas da RDA, o meio de sustentar a economia nos novos Länder. Ele rejeita claramente a “nostalgia com a qual se ganha dinheiro: cartões postais, etc. É algo comercial e artificial”. É, todavia, divertido constatar que são os publicitários que se utilizam dessa imagem de autenticidade da RDA colocando em evidência a qualidade e duração dos produtos e objetos “feitos para durar” (em oposição aos objetivos de uma economia de mercado pautada pelo consumo) ou ainda a permanência do gosto de estar em casa, de seu Heimat (a despeito das mudanças ocorridas por ocasião da reunificação). Assim os cigarros “F6” cujo “sabor não muda”

¹⁹ *Das Leben der Anderen*, Florian Henckel von Donnersmarck, 2006.

²⁰ Inúmeras controvérsias surgiram a respeito da veracidade do filme e numerosas cenas são tidas como pouco prováveis. Se encontramos alguns raros atos de resistência individual no interior do Partido, a mudança de rumo de um oficial da Stasi não foi nunca vista e tenderia a dar uma falsa imagem do que foi o sistema repressivo na Alemanha.

ou ainda seu concorrente “Juwel” vendido com o slogan “eu fumo Juwel porque já testei o oeste. Ponto para nós”.²¹

Ruptura da transmissão, transmissão de uma ruptura

Se consideramos que “herdamos não apenas bens materiais ou características individuais, mas também experiências, princípios, objetivos e mesmo tarefas não concluídas”²² podemos considerar a geração pós-Wende como depositária, por um lado, das experiências que seus pais e avós tiveram na RDA ?

Em um artigo consagrado às famílias russas expropriadas pela Revolução de Outubro, Daniel Bertaux observava como “a continuidade do contexto se transforma em um dado adquirido e finalmente passa despercebido, mesmo que constitua a condição de possibilidade de grande parte dos esforços de transmissão”²³.

As alterações de regime, as mudanças sociais, podem de fato levar a que se coloque em causa aquilo que era considerado como vantagem ou capital a transmitir.

O fim do socialismo na RDA conduziu também a uma desvalorização da lealdade política em relação ao SED e a perda de um status social para as pessoas que ocupavam cargos de responsabilidade social e política. Em uma sociedade de mercado como a Alemanha atual, o capital político não ocupa o primeiro lugar, pois foi substituído pelo capital econômico, tal como aponta Pierre Bourdieu²⁴.

Torna-se então impossível para a antiga geração transmitir certos privilégios vinculados a posição que detinham no interior do Partido. Por consequência, muitos parecem ter renunciado a transmitir alguma coisa de seu engajamento político a jovem geração ou pelo menos apresentam constatações amargas quanto as possibilidade de fazê-lo. Klaus considera que as condições não estão mais postas para que seus netos possam herdar sua visão de mundo:

²¹ Rainer Gries, « Der Geschmack der Heimat. Bausteine zu einer Mentalitätsgeschichte der Ostprodukte nach der Wende », op.cit.

²² Thomas Ahbe et Rainer Gries, *Die DDR aus generationengeschichtlicher Perspektive. Eine Inventur*, Leipzig, Leipziger Universitätsverlag, 2006, p. 5.

²³ Daniel Bertaux, « La transmission en situation extrême. Familles expropriées par la révolution d’Octobre », in *Communications*, n° 59, 1994, p. 74.

²⁴ Pierre Bourdieu, « Politisches Kapital als Differenzierungsprinzip im Staatssozialismus », in Irene Dölling (dir.), *Die Intellektuellen und die Macht*, Hambourg, VSA-Verlag, 1991

Eu explico essa falta de transmissão pelas condições da vida. Minha filha que tem agora 55 anos pensa como eu. Ela foi professora e via como funcionava o coletivo, as relações com os colegas. [...] Eles falam por horas disso quando se encontram: como era bom antes, a camaradagem, etc. Mas para as crianças não é assim. Eu tenho duas netas, falamos de tudo e de política também [...] mas o mundo delas é diferente, seus problemas são diferentes: quanto tempo durará meu contrato, ter um lugar na creche...

Sebastian não esconde as dificuldades de comunicação que tem com seu avô materno:

Temos muitos pontos de vista idênticos, mas, por exemplo, quando falamos do passado, dos aspectos negativos da RDA, eu com frequência tenho a sensação que meu avô não quer me escutar e debater comigo. Isso acontece porque ele viveu um longo tempo sob esse sistema. Eu fiz perguntas que seriam desagráveis na RDA, ou que nem se poderia fazer na verdade.

Mesmo sendo membro do mesmo partido político de seu avô, ele não dispõe da mesma matriz de leitura sobre a sociedade. Apesar dessas divergências, Sebastian é testemunho de uma transmissão de uma visão da RDA, assim com da relação com a política. Seus avós lhe transmitiram uma narrativa do passado valorizando certos elementos da vida cotidiana: “para meus avós que sempre me falaram da RDA eu tinha uma atitude positiva a esse respeito, não muito positiva nem eufórica, mas favorável”. Seus pais, ainda que não compartilhem as mesmas posições políticas (seu pai se aproximando mais dos conservadores e sua mãe dos Verdes) sempre o aconselharam a não se deixar influenciar e ter sua própria opinião. Sua busca de objetividade foi sobretudo transmitida por seu pai: “meu pai queria que eu elaborasse minha opinião e meu deu informações que ele julgava necessárias, a Internet contribuiu também e as bibliotecas me ajudaram igualmente”. Sua mãe manteve sempre uma atitude crítica e reflexiva em relação à política. Ela não ficou alegre em saber que ele havia aderido ao partido Die Linke, temendo que fosse manipulado.

Juntando essas fontes de influência emerge claramente a questão da distância tomada com as interpretações do passado. A transmissão que opera através das três gerações incide não sobre um conteúdo preciso a respeito da RDA, não sobre o engajamento no interior de um partido, mas sobre uma distância, até mesmo uma desconfiança em relação a toda escrita parcial e unilateral da histórica.

Em uma perspectiva similar, Klaus me explica como a imagem de figuras exemplares pode variar de acordo com o contexto político. Ele cita o caso de Ernst Thälmann, chefe do partido comunista alemão morto pelos nazistas em Buchenwald no ano 1940. Elevado a herói pelas autoridades do leste-alemão, não encontra mais lugar no panteão alemão atual. Se Klaus critica essa seleção memorial que faz de Thälmann antes de tudo um perigoso estalinista, ele reconhece que a RDA havia idealizado de maneira exagerada o personagem. Dito de outra forma, ter vivido sob dois regimes políticos diferentes e, portanto, beneficiar-se de uma dupla competência parece conduzir a uma atitude crítica em relação às diferentes possibilidades de manipulação da história. De outra maneira, é isso que diz Sebastian através da seguinte frase: “a história é escrita pelos vencedores”.

À medida que a imagem da RDA mudou, que a realidade de uma experiência vai desaparecendo, podemos ainda observar traços desses quarenta anos de divisão alemã?

Sem ser excludente, a resposta obtida através do estudo sobre o fenômeno da Ostalgie comporta três aspectos que ultrapassam a acepção corrente da nostalgia ou ainda a equação esquecimento - Ostalgie presente em alguns discursos públicos. Evocação agridoce, crítica ou irônica de uma época passada, a Ostalgie conduz a uma normalização desse passado. Sentimento de perda e cristalização da RDA é igualmente indissociável das decepções e carências da sociedade alemã atual. Nesse sentido, é o direito ao mesmo tratamento do oeste que está em jogo, tanto no olhar que se lança sobre o passado quanto nas diferenças sociais.

Enfim, se nos reportamos ao exemplo de Klaus e Sebastian, existe de fato uma transmissão memorial. Essa não se encontra, no entanto, no lamento da RDA, mas numa atitude crítica em relação aos discursos sobre o passado. A experiência de reunificação foi também aquela da fragilidade de um regime, de uma ideologia e de uma interpretação do passado. Ela mostrou o quanto a inversão de valores pode ser rápida e o quanto a fronteira entre carrascos e vítimas, ganhadores e perdedores pode ser frágil. Atualmente classificado como monumento histórico ou redesenhado sobre o chão de Berlim com fins memoriais, o muro não deixou assim sua marca mais forte?

Referências Bibliográficas

BERTAUX, Daniel. La transmission en situation extrême. Familles expropriées par la révolution d’Octobre, **Communications**, n° 59, 1994.

CHAULIAC, Marina. Les anciens lieux de mémoire de la RDA à Berlin-Est: entre disparition et réappropriations , *in* Bogumil Jewsiewicki (dir), **Travail de mémoire et d'oubli dans les sociétés post-communistes**, Bucarest, Editura Universitatii din Bucuresti, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres sociaux de la mémoire**, Paris, Albin Michel, nouvelle édition, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Politisches Kapital als Differenzierungsprinzip im Staatssozialismus , *in* Irene Dölling (dir.), **Die Intellektuellen und die Macht**, Hambourg, VSA-Verlag, 1991.

AHBE, Thomas; GRIES, Rainer. **Die DDR aus generationengeschichtlicher Perspektive. Eine Inventur**, Leipzig, Leipziger Universitätsverlag, 2006.